O relato de Wilhelm Vallentin meio ambiente e imigração

Marcos Gerhardt

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

GERHARDT, M. O relato de Wilhelm Vallentin: meio ambiente e imigração. In: GERHARDT, M., NODARI, E.S., and MORETTO, S.P., eds. *História ambiental e migrações: diálogos* [online]. São Leopoldo: Oikos; editora UFFS, 2017, pp. 31-44. ISBN: 978-85-64905-68-9.
<https://doi.org/10.7476/9788564905689.0003>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](#).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](#).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](#).

O relato de Wilhelm Vallentin: meio ambiente e imigração

Marcos Gerhardt

Introdução

Diversos viajantes europeus percorreram o território americano durante o século XIX e no início do XX. Seus relatos e impressões variam conforme o lugar visitado e o olhar lançado sobre as terras, paisagens, ambientes e gentes americanas. Wilhelm Vallentin é mais um destes viajantes que viu, interagiu, experimentou, avaliou e relatou aos europeus sua passagem pela América meridional. Várias foram suas publicações sobre este território: *Chubut: im Sattel durch Kordillere und Pampa Mittel-Patagoniens* (1906), *Argentinien und seine wirtschaftliche Bedeutung für Deutschland* (1907), *Ein unerschlossenes Kulturland: Nöuquén und Rio Negro* (1907), *Paraguay: das Land der Guaranís* (1907) e *In Brasilien* (1909).¹ Antes desses, Vallentin publicou outros livros sobre a história da África e o colonialismo europeu. Todos foram publicados pela editora Hermann Paetel, de Berlim.

Os relatos de viajantes ou a literatura de viagem são, hoje, uma importante fonte de pesquisa para os historiadores, especialmente aqueles dedicados à História Ambiental, pois as descrições de paisagens, as informações sobre o mundo biofísico e os comentários sobre a interação humana com o ambiente são características marcantes em muitos deles. O testemunho do viajante, contudo, precisa ser tomado com cuidado pelo historiador, pois pode conjugar realidade e ficção. Por vezes, “muitos fatores conscientes ou inconscientes, sociais, culturais e religiosos, tolheram a visão do viajante”, ou “o olhar de certos viajantes nos permite ver o que outros via-

¹ Em português: a) Chubut: sobre a sela pela cordilheira e pelo pampa da Patagônia central; b) Argentina e seu significado econômico para a Alemanha; c) Uma terra inexplorada: Nöuquén e Rio Negro; d) Paraguai: a terra dos Guaraní; e) No Brasil. Tradução livre, desta e das demais citações contidas no capítulo.

jantes não viram, geralmente, pelas suas viseiras ideológicas”, razão pela qual a crítica historiográfica e a análise intertextual são necessárias e permitem “ajustar os exageros” e “corrigir certas apropriações indevidas” (CORREA, 2008, p. 16-17).

Wilhelm Julius Vallentin nasceu em 1862 e veio ao Brasil como emissário diplomático alemão no início do século XX. Antes, viveu na África alemã, como chefe da colônia dos Camarões (LISBOA, 2013), que existiu de 1884 a 1916. Seus livros são pouco conhecidos entre os historiadores brasileiros, possivelmente por serem escritos no idioma alemão e não terem edição traduzida.

Este texto apresenta e discute a narrativa de Vallentin, publicada no livro *In Brasilien*, com dois focos específicos: como o autor representou o meio ambiente do sul do Brasil e como narrou a transformação desse ambiente pela ação de imigrantes europeus e de seus descendentes nascidos no país.

Pelo Brasil

Vallentin iniciou sua viagem e sua narrativa por Pernambuco, onde destacou a produção agrícola, especialmente a do açúcar. Quando citou o consumo de carne seca, o charque, fez referência à produção do Rio Grande do Sul, onde imigrantes alemães se instalaram como agricultores (VALLENTIN, 1909, p. 9). Identifica-se assim, logo no início, o foco central da obra: os teuto-brasileiros e a germanidade (*Deutschtum*) no sul do Brasil. Nosso viajante prosseguiu para a Bahia, comentou sua variada produção agrícola, pecuária e mineral. Viajou pelo rio Paraguaçu e visitou Feira de Santana (1909, p. 49). Em muitos dos lugares, caracterizou o clima, registrou a altitude, comparou preços e ressaltou a fertilidade dos solos.

A seguir, dirigiu-se ao Rio de Janeiro e descreveu diversos aspectos urbanos, da economia e da paisagem. Registrou que, antes, o clima do estado era saudável, mas, a partir de 1850, a febre amarela proliferou no ambiente úmido e quente. Ressaltou que, naquele estado, viviam cerca de 20.000 alemães, dos quais 8.000 estavam em Petrópolis e proximidades (1909, p. 66).

No Capítulo IV, Vallentin narrou sua passagem por Minas Gerais, visitando Belo Horizonte e diversas cidades do interior, onde observou a composição étnica da população, suas práticas culturais, o clima e regis-

trou a riqueza mineral do estado: manganês, ouro e diamante, que comprou com as riquezas disponíveis na África do Sul.

Em São Paulo, voltou a comentar sobre o clima, o solo e observou a “floresta virgem selvagem” (1909, p. 97). Descreveu a capital, onde viviam cerca de 300.000 pessoas, das quais, aproximadamente, 4.000 eram alemães, a maioria destes artesãos e operários. Enfatizou a produção de café, argumentando que o produtor mais importante, proprietário de 35 fazendas, tinha ascendência alemã. Somente este cafeicultor, segundo Vallentin, produzia 150.000 sacas por ano, enquanto a produção de toda a África era de apenas 180.000 sacas anuais de café (1909, p. 101). O autor se referiu a Francisco Schmidt, nascido na Prússia, imigrante e cafeicultor em Ribeirão Preto, conhecido como um dos “reis do café” (RIBEIRÃO PRETO, 2005). No estado de São Paulo produzia-se, ainda, cana-de-açúcar, algodão, cevada, arroz, feijão e hortaliças.

Nosso viajante esteve também em Campinas e registrou a existência da colônia Campos Salles. Passou por Santos, no litoral paulista, bem como pelo vale do Rio Ribeira: Cananéia, Santos, Jacupiranga, Iguape, Sete Barras..., ao qual dedicou um capítulo do livro. Partindo de Xiririca (hoje Eldorado/SP), destacou o solo fértil e a abundância de água e de florestas contendo madeiras úteis e plantas curativas (1909, p. 132). Esteve atento, também, aos minerais e à agricultura da região que percorreu.

Vallentin utilizou muitas imagens em seu livro, 49 fotografias de boa qualidade gráfica, que reforçam a narrativa. Nem sempre, contudo, a fotografia está na parte correspondente do texto. A imagem de São Félix (1909, p. 57), por exemplo, município situado na Bahia, na margem do Rio Paraguaçu, foi publicada no capítulo que aborda a passagem pelo Rio de Janeiro. No capítulo dedicado a São Paulo, há uma fotografia do Corcovado carioca (1909, p. 104). Por vezes, o autor contrapõe imagens comparando realidades distintas. Uma fotografia da estação ferroviária de São Paulo foi publicada na mesma página com a imagem de rudimentares carretas de tração animal (*Ochsenkarren*), ressaltando as extremidades de uma realidade plural (1909, p. 128). As imagens constituem um discurso à parte, paralela e não diretamente vinculado ao texto. A fotografia de um esqueleto humano encontrado em um sambaqui está acompanhada da imagem de uma caverna com estalactites, pois ambas são curiosidades apresentadas ao leitor europeu (1909, p. 160).

No sul do Brasil

A viagem prosseguiu do sudeste do estado de São Paulo para Parana-guá, e pouco percorreu do interior do Paraná. Em Santa Catarina, Vallengin escreveu sobre São Francisco e, mais detidamente, sobre Florianópolis. Descreveu sua paisagem, seu ambiente e sua economia. Registrou a presença de cerca de 600 alemães em uma população de 13.000 a 14.000 habitantes e destacou as atividades do empresário teuto-brasileiro Karl Hoepcke (1909, p. 145). Seguiu dali para Joinville, Blumenau e espaços próximos, narrou parte da história da colonização alemã na região e transcreveu falas que disse ter ouvido dos imigrantes alemães: “Nós estamos satisfeitos; o início foi difícil; aqui nós alcançamos aquilo que, em casa [no país de origem], nunca poderíamos alcançar” (1909, p. 148). Vallengin comentou o desmatamento, a queimada, o plantio da roça, a pequena pecuária, enfim, a reconstrução do ambiente por meio do trabalho do colono imigrante. Fiel aos seus valores e ao etnocentrismo, enfatizou: “E lá onde, há meio século antes, ainda viveu o índio, vive hoje, pacificamente, o homem branco, o europeu, em seu próprio solo, trabalhando em sua propriedade, em uma esplêndida, fértil e saudável natureza” (1909, p. 151).

Vallengin informou que o estado de Santa Catarina, por suas características “naturais”, era denominado o “paraíso brasileiro” (1909, p. 156). Ele comentou ainda as particularidades das terras altas, especialmente de São Bento, das quais destacou a presença de população teuto-brasileira e da araucária (*Araucaria angustifolia*), tema que não aprofundou naquele capítulo. A colônia Hamônia, igualmente situada no vale do Rio Itajaí, recebeu atenção na narrativa deste viajante, que comentou, mais uma vez, a relação humana com a “floresta virgem” (*Urwald*). Comparou a altitude de Blumenau (26 metros acima do nível do mar) com a de Joinville (apenas 6 m), que foi construída, em grande parte, sobre um terreno alagadiço. Visitou o vale do Rio dos Cedros, que superou, em “beleza natural”, tudo o que o viajante havia visto nas áreas de imigração (1909, p. 169). Registrou, por outro lado, os principais produtos de exportação do vale do Itajaí e de Joinville: manteiga, banha, erva-mate, tabaco e açúcar. Encerrou o capítulo escrevendo sobre o desenvolvimento econômico gerado pelo trabalho humano, percebido na existência de comércio, fábricas, moinhos, destilarias, igrejas e escolas.

Vallengin iniciou o Capítulo IX escrevendo sobre a “bela” Itajaí, que deixou para trás. Repetiu o padrão de sua narrativa: descreveu a paisagem

e o clima, comentou sobre a população e destacou aspectos da economia. A seguir, passou a abordar a atividade econômica rio-grandense, o protagonismo teuto-brasileiro e perguntou: “O que seria o estado do Rio Grande do Sul sem os alemães?”. Respondeu imediatamente: “Seguramente não a metade do que é hoje econômica e culturalmente” (1909, p. 175). Adiante explicou:

Aqui, no mais sulino dos estados brasileiros, denominado Rio Grande do Sul, já vivem centenas de milhares de alemães. Eles ainda falam, pensam e sentem em alemão. Quando lhes contamos sobre a “velha pátria”, sua grandeza e desenvolvimento, seus olhos brilham. Eles ainda são orgulhosos de seus antepassados alemães. Ajudemos a manter seu espírito alemão! (VALLENTIN, 1909, p. 176).

Esta avaliação é, evidentemente, exagerada e etnocêntrica. A germanidade (*Deutschtum*) busca tornar compatível a etnicidade de sua origem e a cidadania brasileira, elaborando uma identidade hifenizada, teuto-brasileira (ZEYFERTH, 2000, p. 94), ou seja, plural. O historiador João Klug também definiu como hifenizada e plural a identidade destes imigrantes, ao escrever:

Concretamente, era uma identidade híbrida, que não gozava de plena cidadania brasileira e tampouco da cidadania alemã. [...] Percebe-se que os colonos se mobilizaram, predispondo-se a superar o rótulo de “estrangeiros” que pairava sobre eles e neste esforço evidenciavam uma postura ambígua, ao requererem para si o legítimo direito de ser brasileiro e de permanecer alemão.

[...]

Ser teuto-brasileiro representava falar alemão como língua materna, mas aprender o português para fins econômicos/comerciais. Ter sangue alemão (*jus sanguinis*), ser “de origem”, mas ser politicamente leal ao Brasil (*jus soli*) (2006, p. 343).

A imagem de imigrantes trabalhadores agregada à identidade elaborada nasceu também em oposição aos luso-brasileiros, na medida em que os imigrantes reafirmam, em discurso, sua capacidade para o trabalho e prosperidade econômica (KLUG, 2006, p. 344). Por outro lado,

percebe-se uma historiografia relativa ao tema, que assume, muitas vezes, tons triunfalistas, exagerando quanto à contribuição, especialmente a alemã e a italiana. O sul só teria conseguido atingir o nível e os índices atuais em função do imigrante, especialmente dessas etnias, dadas suas laboriosidade e abnegação. Trata-se de uma leitura unilateral, com base mais no senso comum do que na pesquisa, e o desafio é superá-la (ou até negá-la), visto que o senso comum não é critério de confiabilidade em história (KLUG, 2009, p. 201).

Frederik Schulze mostrou como a preservação da germanidade, entre alguns imigrantes e seus descendentes no Brasil, esteve associada ao protestantismo, formando uma “unidade inseparável”. A manutenção da germanidade no estrangeiro “é vista como tarefa e mérito da igreja e da escola” no periódico *Der deutsche Ansiedler* dirigido aos teuto-brasileiros analisado pelo autor (2008, p. 22).

No Rio Grande do Sul

Na continuação da narrativa, Vallentin apresentou uma lista de colônias alemãs, iniciando por São Leopoldo e terminando com a colônia Guarany, no noroeste do Rio Grande do Sul. Nesta visão panorâmica, abordou as fábricas rio-grandenses, a produção de charque em Pelotas, a Lagoa dos Patos e a cidade de Porto Alegre. Iniciou, a seguir, uma narrativa mais detalhada de sua viagem pelo estado. Pouco escreveu sobre as características do meio ambiente de São Leopoldo, *Hamburger Berg* (Novo Hamburgo/RS, hoje), Sapiranga e Dois Irmãos, mas enfatizou e explicou o Movimento Muker, apresentando-o como uma seita de fanáticos (1909, p. 187-189), conceito rejeitado nas interpretações mais recentes da historiografia sobre o movimento (DREHER, 2003).

A viagem prosseguiu pelo vale do Rio Jacuí, onde as minas de carvão de Arroio dos Ratos chamaram a atenção de Vallentin. Em Santa Cruz, destacou a produção feita pelos colonos, a bela localização da colônia, o clima saudável e orgulhou-se das transformações ambientais feitas pelos teuto-brasileiros. Seguiu dali para Santa Maria e Cruz Alta e fez uma detalhada descrição de algumas paisagens que viu. O narrador preocupou-se em esclarecer que ali iniciavam as terras de campo, em oposição àquelas cobertas por florestas, e explicou ao leitor europeu o significado da palavra Cruz Alta e assim classificou o lugar: “não é apenas um ninho, mas, menos ainda, uma grande cidade. Ela é uma cidadezinha de campo que, por sua localização próxima à ferrovia, ainda quer obter importância” (1909, p. 199). Por vezes, incluiu irrelevantes detalhes em sua narrativa, como o “bom dia” que recebeu de uma mulher na rua. Descreveu um estranho tipo de grama que cresce no campo, com longos penachos, chamada de “barba de bodo” (sic), uma erva nativa (*Aristida jubata*, Herter) e comum nos campos do Rio Grande do Sul. Em outros momentos, usou um tom poético para narrar sua experiência no Brasil: “O amado e saudoso sol nasce para o céu azul

e abraça a terra, a moça rosada, em sonhos, com beijo ofegante” (1909, p. 218).

Ainda em Cruz Alta, encontrou a companhia de dois colonos teuto-brasileiros, de *Neu-Württemberg* (hoje Panambi/RS), que tomavam mate. Neste ponto interrompeu a narrativa para explicar os significados econômicos e culturais da exótica bebida e seus processos de coleta e de beneficiamento. Ressaltou que o produto era obtido, exclusivamente, de ervas nativos ou florestais, mas que um teuto-americano residente no Paraguai havia descoberto como fazer a semente da erva-mate germinar e que seu cultivo se tornou possível. Vallentin possivelmente referiu-se ao colono Federico Neumann que, na colônia *Nueva Germania*, desenvolveu uma técnica para romper, artificialmente, a proteção da semente da *Ilex paraguariensis* e produzir mudas em um viveiro (GERHARDT, 2013).

Em visita à colônia privada *Neu-Württemberg*, o viajante a descreveu detalhadamente: situada na zona de florestas “virgens”, com topografia ondulada, abundância de água, solo fértil e clima saudável. Neste lugar, os colonos teuto-brasileiros produziam principalmente: feijão, milho, mandioca, arroz e batatas. Com o milho alimentavam os porcos, importantes para a produção de banha e para a alimentação dos colonos. Cada casa tinha, escreveu Vallentin, uma pequena horta. Outros aspectos, ligados à economia local e à vida cultural e social, figuram no relato deste viajante, que muito valorizou esta colônia.

No Capítulo XI fez, inicialmente, uma descrição da floresta com araucária presente em parte do planalto rio-grandense, observada durante a viagem a Carazinho/RS. Na região que denominou Alto Jacuí, registrou a existência de um mosaico de campo e floresta, de bons cursos de água, que podiam fornecer força motriz para transformar árvores de araucária, nas serrarias, em tábuas, pranchas e vigas. Quatro delas estavam em atividade e outras em construção (1909, p. 215). Uma imagem correspondeu ao argumento do narrador (Figura 1). Nela estão retratados: a floresta com araucária no último plano, alguns animais domésticos e, no primeiro plano, um “Engenho de serra” ou serraria, construída em madeira e movida pela força hidráulica, situada no Alto Jacuí, possivelmente no território de Passo Fundo.

Figura 1: “Engenho de serra” nas terras altas do Rio Grande do Sul

Fonte: VALLENTIN, Wilhelm J. *In Brasilien*. Berlin: Hermann Paetel, 1909, p. 240. Museu Antropológico Diretor Pestana.

Vallentin voltou para Cruz Alta e de lá seguiu para a colônia Ijuí, criada pelo governo do estado do Rio Grande do Sul. Observou o campo marcado por manchas verdes, os capões de mato e impressionou-se ao cruzar, no caminho, com uma carreta de carga puxada por dez bois de tiro, cujo condutor usava uma longa taquara (bambu), com ponta aguda de ferro, para tocar os animais e manter o ritmo da viagem (1909, p. 217). Aos poucos, a floresta tronou-se mais volumosa e alta e “alguns trechos até suscitam a impressão de estar-se andando em típico bosque alemão”, escreveu ele a partir de suas referências europeias (1909, p. 218). Ao chegar em Ijuí, ressaltou as condições ambientais propícias à agricultura e à colonização. Impressionou-se com o rápido crescimento econômico da colônia recém-instalada (oficialmente em 1890) e assinalou a presença de teuto-brasileiros e de imigrantes de outras nacionalidades e etnias. Comparou esta colônia com outra:

Em geral, na velha Europa se tem um conceito equivocado das colônias governamentais brasileiras. Negligência técnica e certo preconceito, até o momento não permitiram despertar uma idéia correta. Já havia enfatizado isso anteriormente, ao procurar a colônia governamental de Campos Salles, no estado de São Paulo. Aqui como lá, vale o mesmo: ver com os próprios olhos e depois julgar!

Como Campos Salles, quero apresentar também Ijuhy como modelo. É seguro que aqui, faz cinco anos, foi feito grande trabalho. A colônia Ijuhy situa-se nos municípios de Cruz Alta, Palmeira e Santo Ângelo, e é banhada pelo vigoroso rio Ijuhy. Aliás, o solo está bem servido de águas e condicionado pela fertilidade. No terreno ligeiramente ondulado prevalece a mata. Há doze anos, aqui foi iniciada a colonização; 2.200 pessoas em colônias a 25 hectares cada então foram distribuídas. Hoje Ijuhy já conta com quase 9.000 almas. Dentre elas, 2.500 são alemãs ou falantes da língua alemã. Só em torno da praça vivem 675 pessoas, de forma que é realmente oportuno o enquadramento como aldeia ou localidade. Duas igrejas, uma católica e outra protestante, encontram-se no local, e na bastante vasta colônia há oito escolas estaduais e sete privadas. Produtos principais da agricultura são milho, feijão, arroz, mandioca, batata, vinho, cana-de-açúcar (própria apenas para alambiques), mel e algumas frutas tais como pêssego e outros (VALLENTIN, 1909, p. 218-219).

A colônia Ijuhy, na visão do viajante, era um modelo em termos de vias de circulação e um exemplo bem-sucedido do investimento estatal na colonização das terras florestais. Uma fotografia da colônia (Figura 2), centralizada em sua rua principal, retratou diversas edificações e reforçou os argumentos de Vallentin.

Figura 2: Colônia Ijuhy

Fonte: VALLENTIN, Wilhelm J. *In Brasilien*. Berlin: Hermann Paetel, 1909, p. 248. Museu Antropológico Diretor Pestana

Assinalou a existência das colônias Santo Ângelo e Guarani, ainda mais para o oeste rio-grandense, mas deteve-se em explicar como viviam os habitantes de uma estância dedicada à pecuária que visitou, em contraste com as áreas coloniais. Dali seguiu para Cacequi, onde permaneceu alguns dias, e viajou para Uruguaiana por meio do Rio Ibicuí, navegável no tempo das cheias, e também do Rio Uruguai. Descreveu a cidade e as gentes de Uruguaiana, onde não encontrou teuto-brasileiros, e registrou a falta de uma cervejaria. Também esteve em *Paso de los Libres* e, adiante, passou a descrever os territórios da Argentina.

O Brasil é apresentado por Vallentin, ao leitor europeu, como um lugar de florestas e campos, de clima saudável, de terras férteis, de águas abundantes, de subsolo rico e com potencialidades econômicas. O testemunho contido no livro reforça o argumento de que os bens ambientais disponíveis e utilizados, há muito tempo, por outros grupos sociais, como os Guarani, os Kaingang e os caboclos, eram um motivo para a vinda de imigrantes para o Brasil, ou seja, retoma-se um argumento publicado anteriormente: “A imigração de europeus para o sul do Brasil teve motivos mais relevantes, de cunho social, econômico, político, demográfico e cultural, mas as razões ambientais tiveram, nesse contexto, espaço significativo e podem ser consideradas pelos historiadores” (GERHARDT, 2014, p. 127).

Na mesma direção, o cronista Evaristo Affonso de Castro, cuja *Notícia descritiva da região missioneira na província de São Pedro do Rio Grande do Sul* (1887) foi analisada por Paulo Zarth (2015), ressaltou as qualidades ambientais do planalto rio-grandense e sugeriu a instalação de colônias para receber imigrantes. Igualmente Eunice S. Nodari (2002) mostrou como as companhias colonizadoras privadas ressaltaram, por meio de anúncios nos jornais, a abundância de bens ambientais para atrair migrantes ao oeste de Santa Catarina nas primeiras décadas do século XX.

Geopolítica e imperialismo

O último capítulo do livro, de número XII, recebeu o título *Considerações finais e panorama histórico*. O autor iniciou afirmando: “O acaso deu à velha Europa um novo mundo!” (VALLENTIN, 1909, p. 238). Falava das navegações de Cristóvão Colombo e passou a narrar, resumidamente, uma história da presença europeia na América, do século XVI ao XIX. A seguir, lançou duas perguntas: Será que o povo alemão terá um papel importante,

de liderança, aqui? Será que ele vai perceber, antes que seja tarde, que nesta região do continente sul-americano existe uma parte de seu futuro? (1909, p. 249).⁵ Teceu então uma longa reflexão sobre a “raça alemã”, o desenvolvimento econômico, a imigração e a colonização. Em um momento da reflexão, comparou o número de alemães vivendo em colônias na África (aproximadamente 6.000 pessoas) com sua presença no Brasil: cerca de 350.000 alemães e falantes do idioma, número que parece exagerado aos olhos do historiador. A resposta às perguntas veio com o argumento de que o sul do Brasil, onde os teuto-brasileiros conservavam sua germanidade, teria grande potencial para ampliar as relações econômicas com a Alemanha.

A proposta de Vallentin não era nova. Conforme Karen Lisboa, no final do século XIX o economista Robert Jannasch “chamou a atenção para a importância das colônias alemãs no sul do Brasil comparando-as com o que ocorreu nos EUA”, pois:

A única região em que a germanidade (*Deutschtum*) resguardara sua “consciência patriótica” – e isso apesar de os imigrantes estarem já na quarta geração – era a América Latina subtropical e especialmente o sul do Brasil. Por isso, pleiteia o economista, essa região devia ser tratada com metódica política econômica, no sentido de obter lucros desse mercado cheio de potencialidades (LISBOA, 2013, p. 121-122).

Vallentin retomou os argumentos de Robert Jannasch, e propostas semelhantes podem ser encontradas em outras publicações. Analisando o periódico *Der deutsche Ansiedler*, em edições de 1864 a 1908, Schulze observou que

o discurso apresenta o sul do Brasil como o espaço vital ideal para alemães. Um clima saudável e suave, terras férteis, uma riqueza de produtos e uma paisagem quase alemã faziam do sul do Brasil um “país do futuro” para a Alemanha. A emigração alemã tinha que ser apoiada e desviada dos Estados Unidos para o Brasil, uma vez que a preservação da germanidade no Brasil era possível como em nenhuma outra parte do mundo. A afirmação da emigração e o seu desvio para o Brasil é a tese principal de Friedrich Fabri, exposta na sua monografia “*Bedarf Deutschland der Colonien?*” (SCHULZE, 2008, p. 23).

Pode-se, ainda, associar Vallentin com Leo Waibel, importante geógrafo alemão que também iniciou sua trajetória na África, em 1911, “época

² No original: *Wird das deutsche Volk hierbei eine führende Rolle spielen? Wird es einsehen, ehe es zu spät ist, daß hier auf dem südamerikanischen Erdteil ein Stück seiner Zukunft liegt?*

em que estava engajado no projeto imperialista do Estado alemão, tendo em vista a necessidade de matérias-primas e de fontes de energia para a indústria, bem como a necessidade de alimentos para a população cada vez mais concentrada nas cidades” (ETGES, 2012, p. 1). Quando veio ao Brasil e aqui pesquisou temas ligados à colonização e ao uso da terra, de 1946 a 1950, o contexto histórico era outro: a derrota nas duas guerras mundiais inviabilizou as pretensões imperialistas alemãs. Waibel (1958), contudo, ainda estava atento à germanidade e preocupou-se com a “caboclicização” do colono teuto-brasileiro.

Considerações finais

A narrativa de Vallengin contém relatos, descrições, avaliações, testemunhos e diálogos. Assemelha-se a muitas outras narrativas de viagem de europeus pelo Brasil. A “floresta virgem” (*Urwald*) teve destaque no texto de Vallengin, pois foi notada em diversos lugares e citada muitas vezes. Ela não existiu, mas representou, no imaginário do viajante e de muitos contemporâneos seus, um lugar intocado, reserva de bens “naturais”, como a madeira e a erva-mate, aguardando o trabalho humano. Depois de milhares de anos de interação de grupos humanos indígenas com as florestas, não se pode falar em ambientes intocados.

Em oposição à “floresta virgem”, o autor descreveu os lugares civilizados pela cultura e pelo esforço dos colonizadores. Diversas são as descrições e as imagens de paisagens reconstruídas, espaços “selvagens” que se tornaram produtivos e ordenados, paisagens coloniais construídas culturalmente. Como escreveram os imigrantes e seus descendentes, estabelecidos no noroeste do Rio Grande do Sul, por ocasião da comemoração dos 100 anos do início da imigração alemã no estado: “No fim da segunda década o retrato da colônia é bem mais agradável. Ao longo das ruas já não há mais a mata selvagem”. Por outro lado: “Bonitas residências de colonos, rodeadas de laranjais em flor, pessegueiros e ameixeiras mostram claramente o progresso. Em verdes campos pastam vacas gordas, cavalos e terneiros” (1824-1924: Festschrift, 1924, p. 22. Tradução livre).

Para Vallengin, assim como para a maioria dos viajantes, cronistas e governantes do final do século XIX e início do XX, havia uma rígida separação entre cultura e natureza. Assim ordenavam o mundo e o compreendiam. Hoje vivemos um esforço intelectual para tornar nossa compreensão

da interação entre o cultural e o natural menos dicotômica e rígida, mais aberta e dinâmica (PÁDUA, 2010). Diversos pesquisadores dedicados à história ambiental fazem parte desse esforço e revisitam temas e documentos.

Agradecimentos: A Jaeme L. Callai e Paulo A. Zarth, pela sugestão de tema. Ao Museu Antropológico Diretor Pestana, da Unijuí, pelas imagens. À CAPES, pelo auxílio financeiro ao projeto de pesquisa *As Florestas com Araucárias no Cone Sul e a alteração das paisagens*, coordenado por Eunice Sueli Nodari, do qual este capítulo é um resultado.

Referências e fontes

- 1824-1924: *Festschrift zur Jahrhundertfeier der ersten deutschen Einwanderung in Rio Grande do Sul: die Deutschen der Kolonie Serra Cadeado*. Ijuhy: Livraria Serrana, 1924.
- CASTRO, Evaristo Affonso de. *Notícia descritiva da região missioneira na província de São Pedro do Rio Grande do Sul*. Cruz Alta: Typographia do Commercial, 1887.
- CORREA, Sílvio Marcus de Souza. Evidências de História nos relatos de viajantes sobre a África Pré-Colonial. *Aedos*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 11-21, 2008.
- DREHER, Martin N. O Movimento Mucker na visão de dois pastores evangélicos. *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, v. 2, p. 37-53, 2003.
- ETGES, Virginia Elizabeta. O uso da terra na pequena propriedade rural: a contribuição de Leo Waibel. *Campo-Território*, Uberlândia, v. 7, n. 14, p. 1-19, ago. 2012.
- GERHARDT, Marcos. *História ambiental da erva-mate*. 2013. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.
- GERHARDT, Marcos. História ambiental, colonização e genealogia. *História: Debates e Tendências*, Passo Fundo, v. 14, n. 1, jan./jun. 2014.
- KLUG, João. A imigração alemã e a construção de uma identidade teuto-brasileira no sul do Brasil. In: WEHR, Ingrid (Ed.). *Un continente em movimiento: migraciones en América Latina*. Barcelona: Iberoamericana; Frankfurt: Vervuert, 2006.
- KLUG, João. Imigração no sul do Brasil. In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo (Orgs.). *O Brasil imperial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- LISBOA, Karen Macknow. Insalubridade, doenças e imigração: visões alemãs sobre o Brasil. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 119-139, jan./mar. 2013.
- NODARI, Eunice S. Persuadir para migrar: a atuação das companhias colonizadoras. *Esboços*, Florianópolis, v. 10, p. 29-51, 2002.

PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 24, n. 68, p. 81-101, 2010.

RIBEIRÃO PRETO, Prefeitura Municipal de. *Museu do Café*. 2005. Disponível em: <<http://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/scultura/museu/cafe/i14historico.php>>. Acesso em: 10 maio 2017.

SCHULZE, Frederik. O discurso protestante sobre a germanidade no Brasil: observações baseadas no periódico *Der deutsche Ansiedler* 1864-1908. *Espaço Plural*, Cascavel, v. 9, n. 19, p. 21-28, 2008.

VALLENTIN, Wilhelm J. *In Brasilien*. Berlin: Hermann Paetel, 1909. Museu Antropológico Diretor Pestana.

WAIBEL, Leo. *Capítulos de Geografia Tropical e do Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1958.

ZARTH, Paulo A. Oferta aos colonizadores: uma região de pródiga natureza e incalculáveis riquezas. In: TEDESCO, João C.; NEUMANN, Rosane M. (Orgs.). *Colonos, colônias e colonizadoras: aspectos da territorialização agrária no Sul do Brasil*. Porto Alegre: Letra & Vida, 2015, v. IV, p. 11-25.

ZEYFERTH, Giralda. Identidade nacional, diferenças regionais, integração étnica e a questão migratória no Brasil. In: ZARUR, George de Cerqueira Leite (Org.). *Região e nação na América Latina*. Brasília: UnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.